

Análise do Discurso: um dispositivo teórico - analítico para problematizar o Turismo.

Mateus Vitor TADIOTO¹
Maicon Gularte MOREIRA²
Luciene Jung de CAMPOS³

Resumo: Neste ensaio propomos, a partir das discussões do grupo de pesquisa em Turismo e Análise do Discurso do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul (PPGTurH-UCS), desenvolver uma apresentação acerca do dispositivo teórico analítico e metodológico da Análise do Discurso (doravante AD), elaborada pelo filósofo francês Michel Pêcheux, bem como demonstrar os movimentos de aproximação entre esse dispositivo e o campo de conhecimento do Turismo. Inscritos na AD enquanto disciplina de entremeio, articulada entre suas três regiões do conhecimento – a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise – vamos conceber um sujeito cujo discurso, organizado em linguagem, é invariavelmente interpelado por uma formação ideológica. Assim, considerando que o sujeito não goza de autonomia em seus dizeres e práticas, e que a produção do conhecimento reflete uma produção ideológica vigente, vamos problematizar a produção do saber no campo do Turismo, de modo a nos posicionarmos criticamente sobre o(s) objeto(s) de estudo desse campo. Propomos, como abordagem inicial para essa problematização, o distanciamento daquele entendimento de turismo como uma produção do capitalismo, migrando para uma perspectiva de viés materialista histórico e dialético como aquela proposta por João dos Santos Filho em seus estudos epistemológicos. Ao marcarmos nosso posicionamento enquanto analistas do discurso no campo do Turismo, estamos propondo, não somente outro olhar sobre o turismo, como também abrimos espaço para questionar o processo de atribuição de sentido acerca das diversas temáticas que abarcam esse campo de conhecimento, como por exemplo: a sustentabilidade, a inclusão social, a preservação cultural e a segmentação mercadológica.

Palavras-chave: Turismo; Análise do Discurso; Psicanálise; Materialismo Histórico; Linguística.

O presente ensaio é um recorte das discussões desenvolvidas dentro do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul (PPGTurH-UCS), mais especialmente, no grupo de pesquisa em Turismo e Análise do Discurso. E tem por objetivo central, apresentar o quadro teórico, científico e metodológico da Análise do Discurso proposta pelo filósofo Michel Pêcheux, bem como marcar possíveis aproximações dessa disciplina com o campo de conhecimento do Turismo.

Com este movimento de apresentação, pretendemos marcar nosso posicionamento enquanto pesquisadores críticos, sem a pretensão de apresentar a Análise do Discurso como uma teoria substitutiva àquelas que já pautam as construções epistemológicas sobre

¹ Mestrando em Turismo e Hospitalidade. Universidade de Caxias do Sul (UCS). <http://lattes.cnpq.br/5127637448870660>. mateus.tadioto@gmail.com.

² Mestrando em Turismo e Hospitalidade. Universidade de Caxias do Sul (UCS). Link <http://lattes.cnpq.br/7209077042280859>. maicongmora@gmail.com.

³ Doutora em Teorias da Linguagem: do texto e do discurso. Universidade de Caxias do Sul (UCS). <http://lattes.cnpq.br/1151177602559882>. ljungdecampos@gmail.com.

Turismo. Nossa intenção primeira é evidenciar onde se dá o nosso lugar de produção enquanto analistas do discurso interessados em contribuir para estranhar o saber turístico.

Pautados por esse objetivo, desenvolvemos uma reflexão que se dá em dois momentos: um primeiro, organizado para dar ao leitor um panorama geral sobre a disciplina aqui proposta como lente para olhar o Turismo; e um segundo momento, apontando algumas relações iniciais, oriundas da nossa experiência de pesquisa enquanto grupo, entre a Análise do Discurso e o Turismo.

1.1. Análise do Discurso: uma disciplina política.

O contexto sociopolítico francês na década de 1960, que culmina nos eventos do chamado Maio de 1968, são o pano de fundo para as construções teóricas inerentes à Teoria Pêcheuxiana do discurso. Essa época também marca o período estruturalista das ciências sociais na França, com a “lingüística [sic], promovida a ciência piloto” (Maldidier, 1994, p.17). De acordo com Santos (2013), paralelamente, as propostas althusserianas sobre a teoria marxista, reorientam as reflexões sobre a questão ideológica, apontando um caminho para a psicanálise.

Desse modo, o marxismo e a lingüística [sic] presidem o nascimento da AD na conjuntura teórica, bem determinada, na França dos anos 1968-70. Muito naturalmente o projeto se inscreve num objetivo político: a arma científica da lingüística [sic] oferece meios novos para abordar a política. (Maldidier, 1994, p.18).

Pêcheux, por outro lado, demonstra, em 1964,

[...] sua intenção de articular lingüística, materialismo histórico e psicanálise, além de visar deslocar o campo das ciências sociais do lugar positivista em que se encontra: uma ciência descontextualizada dos fatos históricos e sociais nas relações dos estudos da linguagem e questões de práticas sociais relativa às formas de subjetivação do sujeito e desigualdades sociais e de classe. (Santos, 2013, p. 215).

Desse ponto em diante, os preceitos básicos para a teoria analítica do discurso são estruturados. Pêcheux desenvolve, com um marcado rigor metodológico, conceitos e expressões que vão servir de base para a construção desse dispositivo técnico, científico e metodológico que chamamos de AD.

Pela perspectiva da AD, o discurso “distancia-se do modo como o esquema elementar da comunicação dispõe seus elementos, definindo o que é mensagem.” (Orlandi, 2010:20). O discurso, para a autora:

⁴ Segundo Santos (2013), o movimento de articulação entre lingüística, materialismo histórico e psicanálise é proposto por Pêcheux – ainda sob o pseudônimo de Thomas Herbert – no texto “Reflexões sobre a situação teórica das ciências sociais e especialmente da psicologia social”, publicado em 1966 em *Les cahiers pour l'analyse*.

[...] não se trata da transmissão de informação, apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. São processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade etc. [...] (Orlandi, 2010, p. 21).

Tal formulação, resultado da tríade de disciplinas (aqui Psicanálise, Linguística e Materialismo Histórico), situa a AD como uma disciplina de entremeio, resultante de entrelaçamentos e tensões tão fortes que, deixar de considerá-los, é o mesmo que migrar para outro campo de conhecimento.

1.1.1. Como nosso objetivo é apresentar a AD para posteriormente discutir suas interlocuções com o Turismo, faz-se necessário um primeiro apanhado conceitual, a fim de pormenorizar os já mencionados campos do Materialismo Histórico, da Linguística e da Psicanálise. Faremos isso sem considerar uma ordem hierárquica pré-definida, tendo em vista que, conforme já dito, o campo da AD se estabelece no entremeio de um nó, o que significa que cada um dos “fios” de composição desse nó, atuam com a mesma força de tensionamento entre si. Ainda assim, costuraremos a peça conceitual da AD, a partir da sequência que se segue:

1.1.1. Materialismo Histórico.

Ao evocar o materialismo histórico, pressupõe-se que, nas palavras de Orlandi (2010, p. 19), “há um real da história de tal forma que o homem faz história, mas esta também não lhe é transparente”, formulando assim, um raciocínio essencial para o analista de discurso, o de que os sentidos são construídos de modo linguístico-histórico.

As bases do materialismo histórico na AD se encontram nas interpretações de Pêcheux sobre a leitura da teoria marxista feita por Althusser. Para o analista do discurso, o materialismo histórico constitui-se como uma teoria das ideologias, ideologias estas, que não se estruturam, conforme lembra Pêcheux, como um conjunto de pensamentos e ideias de um determinado período histórico, mas se constituem a partir do entendimento de que não há prática que se situe fora de uma ideologia, ideologia essa, que é construída pelo sujeito e para os sujeitos (Pêcheux, 1996).

Retornando a Althusser, teremos uma explicação mais aprofundada sobre a ideologia. Segundo o autor, a ideologia é disseminada a fim de garantir a reprodução dos modos de produção e da força de trabalho que servem ao sistema de produção dominante. Para Althusser, o Estado busca, a partir de práticas normativas e normatizadoras (daí a concepção de que a ideologia é prática e não ideia), mobilizar os sujeitos para que esses reproduzam práticas ideológicas e mantenham o sistema funcionando.

Todos os agentes da produção, da exploração e da repressão, para não falar dos “profissionais da ideologia” (Marx) devem, de um modo ou de outro,

estar “impregnados” dessa ideologia, a fim de cumprir “conscientemente” suas tarefas – as tarefas dos explorados (os proletários), dos exploradores (os capitalistas), dos auxiliares de exploração (os administradores), ou dos sacerdotes da ideologia dominante (seus “funcionários”) etc. (Althusser, 1996, p. 108).

O modo de operação do Sistema (aqui Sistema com S maiúsculo, como referência a um sistema político/ideológico dominante), que pressupõe a reprodução dos modos de produção, precisa também de meios para sua operação, segundo Althusser, esses meios se dão em dois campos distintos daquilo que a teoria marxista nomeia Aparelhos de Estado, esses campos são: Aparelho Repressivo do Estado (AE) (que compõe o Estado em si, “o governo, os ministérios, o exército, a polícia, os tribunais, os presídios etc. [...]. O “repressivo” sugere que o Aparelho de Estado em questão “funciona pela violência” – pelo menos no limite” (Althusser, 1996, p. 114), lembramos entretanto, que a “violência” da qual se refere o autor, pode assumir formas simbólicas. E os Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE), que representam “um certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas” (Althusser, 1996, p. 114). Falamos, portanto, de Aparelhos (plural), que assumem a forma de instituições que possuem dimensões variadas, conforme lista o autor, existe um AIE religioso (compõe o sistema das diferentes Igrejas), um AIE escolar (das diferentes escolas, sejam elas públicas ou privadas, de ensino básico ou superior), AIE familiar, AIE jurídico, AIE Cultural, entre outros.

A divisão conceitual entre AE e AIE, não significa, exatamente que o primeiro funciona exclusivamente pela ideologia e o segundo exclusivamente pela repressão/violência, Althusser nos lembra que, mesmo o exército ou a polícia, por exemplo, (da ordem do AE) funcionam ideologicamente através de uma série de valores. Assim como quando tomamos a igreja ou a escola como exemplos de AIE, com sua série de códigos que preveem métodos para disciplinar ou selecionar seus “usuários”. Não existem, portanto, AE completamente livres de ideologia ou AIE completamente livres de repressão.

A concepção de que não há, no mundo em que conhecemos, estruturas livres de ideologia é o que leva Pêcheux a propor uma teoria materialista do discurso. Ora, se os sentidos variam de acordo com a posição do sujeito que os emprega, a ideologia que impregna o sujeito seria condição determinante para a construção do sentido.

Cabe aqui, uma ressalva preliminar importante sobre os estudos no campo do Turismo, trata-se da primeira evidência de que, assim como em qualquer outro tipo de produção científica, não nos é possível compreender, enquanto analistas do discurso, a construção de saberes neutros ou sem uma base ideológica pré-existente. No trabalho com AD, portanto, vamos marcar essa posição enquanto pesquisadores/analistas, porque somos sujeitos inscritos em Formações Ideológicas dadas, que nos interpelam enquanto sujeitos.

A emergência do conceito de sujeito, já na teoria da ideologia, – “a categoria do sujeito é uma “evidência” básica (as evidências são sempre básicas): é claro que você e eu

somos sujeitos (livres, morais etc)". (Althusser, 1996, p. 132). – remete ao outro campo de conhecimento do qual a AD se serve em sua construção teórica, trata-se da Psicanálise.

1.1.2. Psicanálise.

Aqui buscamos em Lacan – e nos retornos desse à Freud – a incidência de dois conceitos fundamentais, conforme nos lembra Ferreira (2010, p.21), “que caracterizam a poderosa singularidade de suas descobertas, ao tratar da emergência do sujeito” são eles o inconsciente e a pulsão. “Lacan vai deter-se, particularmente, no inconsciente, que tem a ver precisamente com a tríade real – simbólico – imaginário, três registros distintos e essenciais da realidade humana.” (Ferreira, 2010, p.21). O inconsciente encontra-se, portanto no nó do real com o simbólico e o imaginário, de tal modo que não seria possível admitir inconsciente sem essa estrutura.

Trazer, então, a psicanálise para o campo epistemológico da análise do discurso, significa deixar entrar com força outra concepção de sujeito, um sujeito clivado, assujeitado, submetido tanto ao seu próprio inconsciente, quanto às circunstâncias histórico-sociais que o moldam. É nesse ponto que se atravessa a psicanálise, com sua concepção revolucionária do sujeito do inconsciente, que representa uma ‘ferida narcísica’ insuportável para o amor-próprio da humanidade. (Ferreira, 2010, p.22.).

O sujeito em Lacan, também é (e aí se encontra o ponto de conjuntura entre os três campos que compõem a AD) servo da linguagem e “o é ainda mais de um discurso em cujo movimento universal seu lugar já está inscrito em seu nascimento, nem que seja sob a forma de seu nome próprio.” (Lacan, 1998 p. 498). Se o sujeito é “do” inconsciente e o inconsciente, para Lacan, é “estruturado como linguagem” a relação entre inconsciente e linguagem é bastante cara à psicanálise.

Marcamos assim, um conceito de sujeito que é, conforme ressalta Romão (2011, 120), “uma posição discursiva constituída pelo efeito de falhamento e furos”. Parafraseando a autora:

O sujeito move-se e desdobra-se por entre palavras passíveis de (re)arranjos em movimentos discursivos não-fechados e migrantes. Considerado como posição discursiva inscrita na tensa relação da língua com a história, o sujeito fala a partir da incompletude e da opacidade que as (suas) palavras instalam já que é assaltado pelo processo de interpelação ideológica. (Romão, 2011, 120).

1.1.3. Linguística.

Conforme Orlandi (2010, p. 19), “A Lingüística [sic] constitui-se pela afirmação da não-transparência da linguagem: ela tem seu objeto próprio, a língua, e esta tem sua ordem própria”. Essa afirmação, conforme explica a autora, “é fundamental para a Análise do Discurso, que procura mostrar que a relação linguagem/pensamento/mundo não é unívoca, não é uma relação direta que se faz termo-a-termo, isto é, não se passa diretamente de um a outro.” (Orlandi, 2010, p. 19).

Esse entendimento da Linguagem para a AD é decorrente daquilo que Haroche, Henry & Pêcheux (1971) chamam de 'Corte Saussuriano'. Nesse texto, os autores explicam, a partir de uma leitura do Curso de Linguística Geral de Saussure, que as palavras assumem diferentes conotações. Para isso, utilizam a própria citação do linguista "Se as palavras estivessem encarregadas de representar os conceitos dados de antemão, cada uma delas teria, de uma língua para outra, correspondentes exatos para o sentido; mas não ocorre assim" (Saussure, 2000, p. 135).

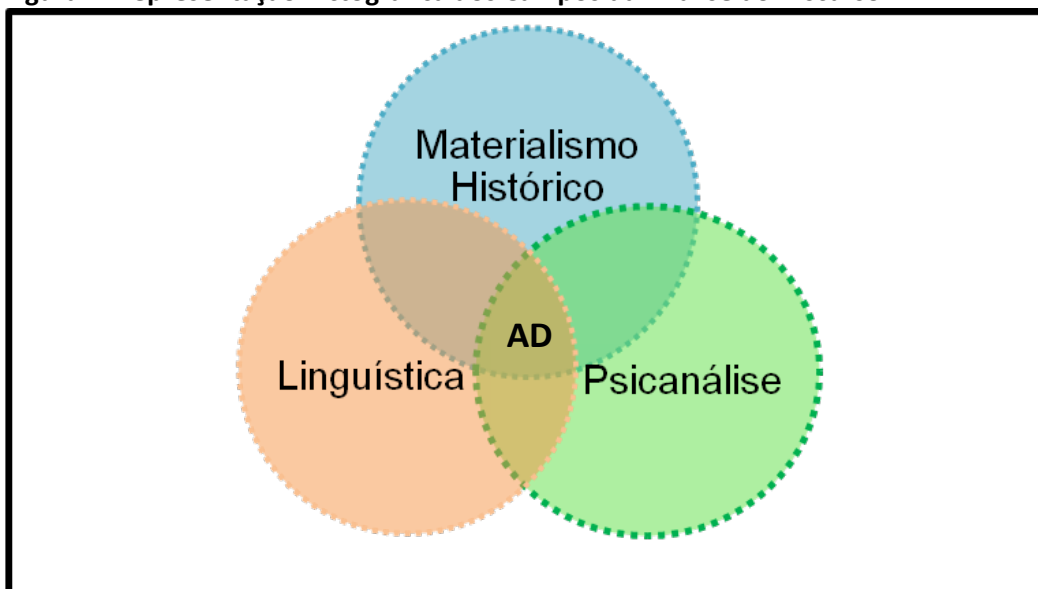
O problema das correspondências entre línguas apresentado por Saussure é levado assim ao campo da semântica, delineando o entendimento sobre língua na AD. "a língua tem sua ordem própria, mas só é relativamente autônoma (distinguindo-se da Lingüística [sic], ela reintroduz a noção de sujeito e de situação na análise da linguagem)" (Orlandi, 2010, p. 19). Ou seja, "se considerarmos, por exemplo, o domínio da política e da produção científica, constataremos que as palavras podem mudar de sentido segundo as posições determinadas por aqueles que as empregam" (Haroche, Henry & Pêcheux, 1971, p. 97). Desse modo, na AD pressupõe-se que os sentidos se estabelecem também a partir de uma perspectiva histórica, retomando o Materialismo Histórico como um componente do laço conceitual.

É sobre essa relação Ideologia – Sujeito – Linguagem, que a AD vai tratar, de modo a conceber um processo de produção discursiva que vai além da noção de discurso no senso comum:

[...] o sujeito não controla todos os sentidos que produz, pois está sempre atravessado por palavras que não são suas e tropeça no que considera mais evidente. Dessa maneira, o sujeito esquece-se de que não é a fonte dos seus sentidos para poder dizer, construindo apenas a ilusão de um colamento entre a realidade do seu pensamento, do mundo e das palavras. No movimento basculante de lembrar e esquecer [...] dá-se o jogo da ideologia que faz parecer evidente ao sujeito um único dizer, sinalizando certas tramas de memória como naturais ou soterrando outros sentidos como indesejáveis. A captura ideológica corre solta à revelia do que o sujeito julga dominar, instalando a não-garantia de que o sentido esperado se concretize e também de que controle da língua se absoluto. É ainda movediço o modo como a língua captura, afeta e fiska o próprio sujeito. (Romão 2011, 118).

Como herança do estruturalismo, a AD vai constituir uma representação pictográfica (já apresentada por outros autores como Ferreira (2010) e Orlandi (2010)) de um Nó Borromeano – em uma outra alusão às estruturas lacanianas – cuja reprodução apresentamos a seguir, na figura 1:

Figura 1. Representação Pictográfica dos Campos da Análise do Discurso.



Fonte: Adaptado de Ferreira (2010) e Orlandi (2010).

O nó aqui representado, não é uma simples expressão estrutural de como se dá o processo de formação do campo de conhecimento da AD, há uma escolha proposital de representar essa composição a partir de círculos com bordas pontilhadas e espaçadas, a fim de sugerir a fluidez de cada uma dessas disciplinas e o intercâmbio constante de saberes entre elas.

Situar a AD em um entremeio permanentemente vazado implica em reconhecer a incompletude conceitual de que essa disciplina se serve. Incompletude que pode ser resumida no seguinte raciocínio:

- Se o Materialismo é uma teoria da ideologia, a ideologia é um conjunto de práticas e “não há ritual sem falha” – formulação de Althusser, referindo-se à ideologia como prática “não existe prática a não ser através de uma ideologia e dentro dela” (Althusser, 1996, p.131) – então a ideologia é passível de **contradição**;

- Se, para a AD, o que interessa na Linguística é a Língua e na AD não se trabalha com uma noção de língua enquanto estrutura fechada/homogênea e sim com um “real da língua” – Pêcheux e Gadet (1987) concebem o real da língua, que tem a ver com a ordem da língua assinalada pela falha – então a língua admite **equivoco**;

- Se o estudo da psicanálise nos apresenta o sujeito do inconsciente – conceito que permeia a obra psicanalítica desde ‘A Interpretação dos Sonhos’ (1899 – 1900) de Freud – e esse sujeito só se estrutura a partir da perda de um objeto cuja busca lhe é causa de desejo, então o inconsciente admite a **falta**.

Temos, portanto, a estruturação de uma disciplina que, muito mais do que admitir sua incompletude, trabalha a partir das evidências de sua incompletude. Nesse sentido, em meio a tantas formulações da AD, encontramos um ponto de aproximação com o Turismo que nos parece relevante: trata-se do modo como ambos os campos perfilham a sua

incompletude epistemológica, ainda que esse reconhecimento se dê por vias diferentes. É neste ponto que concentramos nossos esforços principais enquanto analistas.

1.2. Tecendo relações: o processo de aproximação entre AD e Turismo.

O processo de construção que propomos, pode ser entendido como um trabalho de tessitura que se dá na medida em que passamos a considerar questões de produção dos conhecimentos científicos, evidenciadas por Pêcheux, e aproximá-las ao campo de conhecimento do Turismo. Disso resulta uma teia de saberes logicamente estabilizados, que norteiam uma série de “coisas a saber” sobre o próprio Turismo.

Em outras palavras, vamos recortar de materialidades discursivas – sejam elas textos, imagens, manifestações artísticas, peças publicitárias, etc. – aquela representação de uma realidade que falha. Falha porque é resultante da impressão de que o sujeito, enquanto autor que (re)produz essa realidade, só poderia dizer aquilo daquele modo, revelando o movimento inconsciente de assujeitamento ideológico.

Iniciemos então, com uma primeira inquietação de Pêcheux. Segundo o autor, o homem não é o sujeito da atividade humana, tampouco, não é a atividade humana – dos homens na sociedade e na história – que produzem o conhecimento científico (Pêcheux, 1995). Para Pêcheux (1995), o processo de produção do conhecimento científico é reflexo de uma produção ideológica vigente. Se considerarmos a história como um processo resultante da luta de classes, um processo ideológico, nos condicionamos a enxergar o conhecimento científico num lugar determinado pelo jogo de poder entre formações ideológicas, qual seja:

[...] a história da produção dos conhecimentos não está acima ou separada da história da luta de classes, como o “bom lado” da história se oporia ao “mau lado”; essa história está inscrita, com sua especificidade, na história da luta de classes. Isso implica que a produção histórica de um conhecimento científico dado não poderia ser pensada como uma “inovação das mentalidades”, uma “criação da imaginação humana”, um “desarranjo dos hábitos de pensamento” [...], mas como o efeito (e a parte) de um processo histórico determinado, em última instância pela própria produção econômica. (Pêcheux, 1995, p.190).

A partir dessas concepções, pensar o Turismo com as lentes da AD, implica no reconhecimento de que os dizeres autorizados sobre “o quê é Turismo” são regulados a partir de uma base ideológica, que se transforma e se reproduz. Essa questão já foi levantada por João dos Santos Filho em sua proposta epistemológica intitulada ‘Ontologia do Turismo’ (2005). Para o autor, a historiografia do turismo se estabelece a partir de bases hegemônicas e eurocêntricas, que desconsideram formas de deslocamento anteriores àquela conceituada como “turismo moderno”⁵.

⁵ Para Santos Filho (2009), o chamado Turismo Moderno é uma produção eurocêntrica que tem seu ponto inicial com a figura de Thomas Cook.

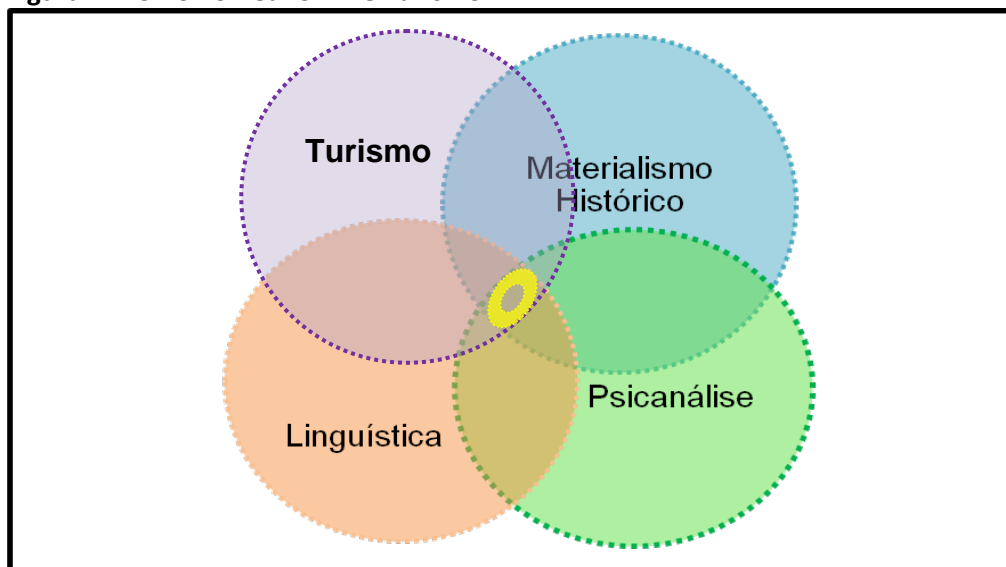
Nosso posicionamento vem, assim, corroborar com a ideia de Santos Filho (2005) que sugere com o seu trabalho pensar o turismo, em sua concepção histórica, desde o surgimento da mercadoria, quando surge o capital, e segundo o desenvolvimento dos modos de produção, ao contrário de pensá-lo a partir do surgimento do capitalismo como outros autores – Moesch (2002), por exemplo – comumente propõem. Para isso mostra a separação entre o tempo de trabalho e o tempo de não-trabalho, no contratempo das transformações nos modos de produção dominantes, indicando a separação radical entre trabalho e não-trabalho e a diferenciação do “lazer das obrigações profissionais” no modo de produção capitalista. E, como nada pode obstruir a produção e acumulação de capital, o tempo de não-trabalho também precisa reproduzir o modo de produção dominante uma vez que, separado do trabalho, inviabilizaria seu registro na/pela ideologia dominante. Logo, é nesse modo de produção “que a mercadoria assume a condução da vida e coisifica a relação humana ao máximo de sua exploração, mercantilizando e determinando o tempo dos homens”. Não apenas o tempo de trabalho seria tratado, pois, como mercadoria, o tempo de não-trabalho também.

Investidos por essa concepção, vamos pensar o turismo em nossas pesquisas, para além do fenômeno social, buscando assim, transpor “o tratamento reducionista dado ao objeto turístico” (Moesch, 2002, p.13) e pensando o jogo de poder que se desenvolve dentro do próprio Turismo como campo de estudo – considerando as relações entre visitante e visitado, entre mercado turístico e sujeito-turista e evidenciando, inclusive, as características das formas que daí emergem como categorias de análise.

Pretendemos com isso, nos afastar de uma caracterização epistemológica rígida para, pensar o turismo como uma questão de discurso, de modo a problematizar o seu objeto de estudo, considerando elaborações já estabilizadas do Discurso Turístico. Expondo as fissuras desse processo de produção de sentidos que se opera através das tomadas de posição dos autores, de modo a contribuir com a construção de um saber que dê conta de explorar esse fenômeno de modo crítico e contemporâneo.

Como forma de pensar essa posição materialista, reproduzimos aqui, o já mencionado Nó Borromeano da AD, propondo um deslizamento conceitual que permite a aproximação do Turismo enquanto outro campo do saber que vem constituir esse laço indissociável e permanentemente tensionado. Na figura 2, que segue, introduzimos pictograficamente essa noção.

Figura 2. Nó Borromeano AD e Turismo.



Fonte: Elaboração própria.

Nesse deslocamento, a AD deixaria de ocupar o espaço de entremeio desses quatro campos – já que está subentendida na estrutura e funciona como base das proposições – quem ocupa esse espaço de entremeio (marcado pelo círculo vazado no centro da representação do nó) é aquilo que tomamos como materialidade discursiva em nossos trabalhos de pesquisa no campo do Turismo.

Pensamos a materialidade como aquilo que o analista seleciona como base para sua análise e recorta. Nesse sentido, a materialidade é entendida como uma expressão de linguagem – pode ser texto, imagem, vídeo ou fala. A partir da interpretação feita por Orlandi (2010), a materialidade pode ser vista como a pedra bruta que é lapidada em discurso, num processo que, por si só, já é um ato de análise mobilizado pelas vivências do sujeito-analista.

Em outras palavras, a partir do momento em que o analista vai buscar os “furos” por onde os sentidos escapam, é fundamental elaborar recortes na materialidade. Se tomarmos um texto (em sua integralidade) como materialidade, veremos que ele se constitui como uma fonte inesgotável de análise. Então, o recorte não dá conta apenas de um interesse intelectual do pesquisador, como também torna a análise possível. Assim, “a construção do corpus e a análise estão intimamente ligadas: decidir o que faz parte do corpus já é decidir acerca das prioridades discursivas.” (Orlandi, 2010, p.62).

Ao evidenciar a importância do arquivo do pesquisador de onde é recortada a materialidade na AD, marcamos outro ponto: o reconhecimento de que não trabalhamos com o Turismo em uma visão totalizante, ou ainda na descrição de um “estado da arte” do Campo. Nosso processo de análise se dá caso a caso, de modo que – devido às condições de produção, que mobilizam uma determinada rede de sentidos de base ideológica – o todo emerge na parte, a parte não pode ser vista como isolada do todo e, ainda assim, a parte não representa o todo. Importa na materialidade, mostrar o movimento da ideologia,

interpelando o sujeito em linguagem. O campo do Turismo é então aproximado desse nó porque é dele que será apreendida a materialidade sobre a qual o analista debruçará sua análise, promovendo processos de (re)significação dos saberes logicamente estabilizados.

Em vias gerais, é assim que pautamos nosso espaço no campo do Turismo enquanto analistas do discurso. Dando o devido valor a toda contribuição teórica já firmada nessa área de saber, mas marcando um posicionamento crítico e materialista sobre essas produções, ao considerarmos, parafraseando Pêcheux, que todo “o processo de produção dos conhecimentos é um “corte-continuado”; [...] coextensivo às ideologias teóricas, das quais ele não cessa de se separar, de modo que é absolutamente impossível encontrar um puro “discurso científico” sem ligação a uma ideologia”. (Pêcheux, 1995, p.198).

Se o turismo possui a produção de seus saberes condicionada às formações ideológicas que representam uma ideologia dominante, faz-se mister pensar como significam as questões acerca das diversas temáticas que abarcam este campo do conhecimento como, por exemplo: é possível pensar em sustentabilidade? É possível assegurar inclusão social pela prática da atividade turística? Quais os aspectos que são evidenciados pela preservação cultural através do turismo? A segmentação de mercado, quando realizada pela perspectiva de características totalizantes de grupos sociais estigmatizados, é ética sob o ponto de vista dos direitos humanos?

Na medida em que permite ao analista a delimitação de seu corpus analítico, a AD permite ao campo de estudos do Turismo, o debruçar-se sobre os mais diversos e inerentes aspectos de seu estudo. Tal potência deve demarcar uma aproximação teórica que vise contribuir para um pensar epistemológico no Turismo, pois este não deve se furtar da materialidade histórica e dos processos de subjetivação dos significantes nela escritos.

Referências bibliográficas

- Althusser, L. (1996) Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado (notas para uma investigação) In: Adorno, T. W.; Ribeiro, V. & Zizek, S. *Um mapa da ideologia* (pp. 105-142). Rio de Janeiro: Contraponto
- Haroche, C; Henry, P. & Pêcheux, M. (1971). La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours. *Langages* 24 (pp.93-106).
- Ferreira, M. C. L. (2010). Análise do Discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. *Organon*, Porto Alegre, n. 48, 17-34.
- Lacan, J. (1998). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Maldidier, D. (1994). Elementos para uma história da análise do discurso na França. In. Orlandi, E. P. (Org.). *Gestos de Leitura - da História no Discurso*. (pp. 15 - 53). Campinas: Editora da Unicamp.
- Moesch, M. M. (2002). *A produção do saber turístico*. 2.ed. São Paulo: Contexto.
- Orlandi, E. P. (2010). *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 9. ed. Campinas, SP: Pontes Editores.

Pêcheux, M. & Gadet, F. (1987). *La lengua de nunca acabar*. México: Fondo de Cultura Econômica.

Pêcheux, M. (1996). O mecanismo do (des)conhecimento ideológico In: Adorno, T. W.; Ribeiro, V. & Zizek, S. *Um mapa da ideologia* (pp. 143-152). Rio de Janeiro: Contraponto.

_____. (1995). *Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni P. Orlandi (et al.). 2. ed. Campinas: Ed. da Unicamp.

Romão, L. M. S. (2011) Opacidade e incompletude: essa estranha tessitura do sujeito no discurso. In: Baronas, R.; Miotello, V. M. (Orgs.). *Análise do Discurso: teorizações e métodos* (pp. 115-134). São Carlos: Pedro e João Editores.

Saussure, F. de. (2000). *Curso de Linguística Geral*. 24ª ED. São Paulo: Editora Cultrix.

Santos, S. S. B. (2013). Pêcheux. In. Oliveira, L. A. (Org.). *Estudos do Discurso: perspectivas teóricas*. (pp. 209 - 234). São Paulo: Parábola Editorial.

Santos Filho, J. dos. (2005). *Ontologia do turismo: estudo de suas causas primeiras*. Caxias do Sul, RS: EDUCS.